

## A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure

### *The analogy and the feeling of the speaking subject in Saussure*

Karen Alves da Silva<sup>1</sup>

(Centro Universitário Padre Anchieta - Faculdade de Letras -  
Curso de Letras Português-Inglês - Jundiá - São Paulo - Brasil)

#### ABSTRACT

*The aim of the present study is to go through some of the manuscripts of Saussure, such as the First Saussure Conference at the University of Geneva and the notebooks of his students, especially the Riedlinger's notes from the first and the second Saussure's courses, as well as the Course in General Linguistics (1916), focused on the analyzes, from the synchronic perspective, of the role of the Saussure's speaking subject in relation to the analogy. Our intention is to delineate the contours of the analogy in order to verify the relation of the speaking subject with the linguistic creations derived from this phenomenon.*

**Key-words:** *Saussure; speaking subject; manuscripts; linguistic theories.*

---

1. Bacharela e mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, e bacharela em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. O presente trabalho é fruto de um projeto de doutorado em andamento, desenvolvido pela autora e abrigado pela Unicamp, apoiado pelo CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil. Agradecemos à profa. dra. Maria Fausta Pereira de Castro as frutíferas discussões acerca do tema e as correções. E-mail da autora: karenals@yahoo.com.br



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

## RESUMO

*Neste artigo, nosso objetivo é percorrer alguns dos manuscritos de Saussure e de seus alunos – tais como a Primeira Conferência de Saussure na Universidade de Genebra e os cadernos de Riedlinger referentes ao primeiro e ao segundo cursos de Saussure –, bem como o Curso de Linguística Geral – CLG (1916), a fim de analisar, no corte sincrônico, o papel do sujeito falante saussuriano em relação à analogia. Nossa intenção é, primeiramente, delinear os contornos do funcionamento da analogia e, em um segundo passo, verificar a relação do sujeito falante com as criações linguísticas decorrentes desse fenômeno.*

**Palavras-chave:** *Saussure; sujeito falante; manuscritos; teoria linguística.*

## Considerações iniciais: a analogia

O fenômeno analógico mereceu, ao longo da história, a atenção dos estudos da linguagem em geral, da Gramática e, modernamente, da Linguística. Comumente foi compreendido como um modelo para a criação de palavras regido pela quarta proporcional: termo *A* está para o termo *B*, assim como *C* está para a variável *X*; a variável é o termo gerado a partir do paradigma estabelecido entre os outros 3 termos da operação.

Com relação especificamente ao estudo desse fenômeno no campo linguístico, há de se considerar que, desde a Antiguidade, as discussões a respeito da analogia envolvem a tomada de posição quanto à sua natureza: se é uma operação baseada na regularidade ou na irregularidade. Segundo Ducrot e Todorov,

[...] desde a Antiguidade, os gramáticos que procuravam uma regularidade – dita ANALOGIA – dentro da linguagem, declaravam-se a favor do arbitrário (inversamente, a maioria dos etimólogos só desejava reconhecer a irregularidade e desordem na língua, ou segundo a palavra consagrada, a ANOMALIA, aquilo que retira todo obstáculo à especulação etimológica). (Ducrot; Todorov 2001:132).

A respeito dessa querela instituída na Antiguidade, em sua *Introdução à Linguística* (1979), John Lyons sinaliza que, a partir do século

II a.C., configurou-se uma disputa entre os *analogistas*, que adotavam o ponto de vista da regularidade, e os *anomalistas*, que endossavam o ponto de vista da irregularidade:

As palavras gregas para “regularidade” e “irregularidade”, no sentido que nos ocupa, eram *analogia* e *anomalía*. Daí, os que sustentavam que a língua era essencialmente sistemática e regular são chamados geralmente de *analogistas* e os que tomavam a posição oposta, *anomalistas*. Deve-se observar que o termo *analogia* aqui está sendo também usado no sentido mais restrito de “*proporção*” matemática, de quarta proporcional, segundo o qual se pode dizer, por exemplo, que  $6 : 3 :: 4 : 2 :: 2 : 1$ . Aliás, o termo proporção vem do lat. *proportio*, que é a tradução do gr. *analogia*. (Lyons 1979:6, grifos do autor).

Embora seja uma questão que percorra a história dos estudos da linguagem<sup>2</sup>, segundo Michel Bréal<sup>3</sup>, durante o final do século XIX, período concomitante a uma parte da produção de Saussure, a analogia compareceu nos livros de Linguística dessa época em posição de destaque. A analogia, nesse tempo, é vista comumente como um fenômeno baseado na regularidade e na associação de ideias (cf. Ducrot; Todorov 2001), o qual ocorre no plano psicológico. Ademais, conforme Lyons (1979), era também utilizada pelos Neogramáticos para explicar as exceções às leis fonéticas.

2. Heitor Coradini (1999:460-461) discute a antiga querela entre os *analogistas* e os *anomalistas*, a saber: “Alguns estudiosos, atentos às declinações e conjugações, aproximavam palavras e paradigmas, evidenciando o que havia de semelhante na articulação da língua. De modo geral os analogistas consideravam a linguagem como uma criação convencional, cujos elementos o homem pode conhecer e comutar, como um instrumento útil. Outros, atentos à multiplicidade dos paradigmas e aos numerosos ‘casos de exceção’, afirmavam a futilidade das regras e dos princípios gerais; declaravam que a anomalia, a “a-norma”, reina sobre a linguagem, isso porque esta é uma criação perfeita e superior, que não se submete a regras que pretendem dirigir sua práxis”.

3. Segundo Paveau e Sarfati (2006:50), Michel Bréal (1832-1915) foi responsável pela tradução do alemão para o francês da *Grammaire comparée* de F. Bopp. Com esse trabalho, aquele autor tornou-se introdutor da tradição alemã na França. Bréal ocupou a cadeira de Gramática Comparada no *Collège de France* e foi secretário da *Société de Linguistique* de Paris. Segundo Guimarães, em considerações introdutórias à tradução do *Ensaio de Semântica* (Bréal 2008 [1897]:10), Bréal “se inscreve dentro do historicismo de sua época” e compreende a linguagem como “instrumento de civilização”. Para Bréal (*op. cit.*:17, grifo do autor), “A única causa verdadeira do *desenvolvimento* da linguagem é a *vontade humana*”.

Como sinaliza Bréal (2008 [1897]:52), “[...] o homem é naturalmente imitador e, se tem de inventar alguma expressão, mais do que depressa prefere tomar por modelo já existente que se esforçar para uma criação original”; todavia, a analogia não deve ser compreendida como causa da mudança efetivada na língua, mas como um meio. Para esse autor, as causas, por sua vez, estão relacionadas a evitar qualquer dificuldade de expressão (prefere-se uma formação mais cômoda à formação antiga, que é abandonada), a obter mais clareza (as formas gramaticais são substituídas se oferecem algum equívoco), a sublinhar uma oposição ou uma semelhança (o espírito liga entre si os contrários), e, por fim, a ajustar uma regra antiga ou nova (as formas são conduzidas ao tipo regular).

A analogia, para Bréal (2008[1897]), é uma condição primordial de toda a linguagem e, ao invés de tornar as línguas pobres por conferir a elas homogeneidade, permitiria que as crianças aprendessem as palavras da língua e que as pessoas compreendessem umas as outras, mesmo diante do uso de novas palavras. Em última análise, para esse autor, a analogia tem a natureza de fenômeno baseado na regularidade e na imitação.

No que concerne estritamente à obra de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma que congrega parte das lições do genebrino, a questão da analogia, à primeira vista, comparece com uma operação linguística que se desenrola a partir do modelo da quarta proporcional, já consagrado pela tradição dos estudos linguísticos: “ōratōrem : ōrātor = honōrem : honor” (Saussure 2001[1916]:192). No *Curso*, esse fenômeno aparece como uma operação, no sentido matemático do termo, pois se configura como um procedimento realizado à luz de uma mesma regra (lógica): como visto, há três termos e uma variável, e o comportamento dessa variável depende da semelhança estabelecida com os termos utilizados na operação.

Portanto, a analogia, no *CLG*, ocorre a partir de paradigma estabelecido que obedece a certa matematização da língua. Dessa maneira, como alertam Ducrot e Todorov (2001) e Henriques (2013), no *CLG*, a analogia está distante da ideia de irregularidade ou de infração a uma ideia esperada nas línguas, pelo contrário, juntamente com as mudanças fonéticas, ela constitui “o processo pelo qual estas passam de um estado de organização para outro” (Saussure 2001[1916]:189).

Nesse processo, segundo as palavras de Henriques (2013:6), “[...] não há a substituição da forma antiga pela nova forma analógica. E isso porque a analogia, diferentemente da mudança fonética, não objetiva substituir uma forma antiga por uma nova”, embora essa substituição possa acontecer.

Além da natureza da operação analógica estar relacionada à regularidade, é preciso considerar que ela é, conforme descrição do *CLG*, “[...] inteiramente gramatical e sincrônica” (Saussure 2001[1916]:193-198), ou seja, está ligada, no corte sincrônico, aos aspectos sintático, morfológico e semântico da língua, e exclui as mudanças fonéticas, as quais compreendem os aspectos fisiológico e físico da fala, e as mudanças das palavras isoladamente no tempo (diacronia) <sup>4</sup>.

Contudo, embora opere à luz da quarta proporcional no recorte sincrônico, para Saussure, a analogia não é estritamente uma transformação imitadora. Como afirma o genebrino em 2004[1891], na segunda Conferência na Universidade de Genebra, a analogia é uma “operação inteligente, em que é possível descobrir objetivo e um sentido” (Saussure 2004:139). Por se tratar de uma operação inteligente, seria necessário que haja a criatividade na analogia, como também indica Saussure (1996[1907]:56), por meio de uma anotação de Riedlinger no Primeiro Curso de Linguística Geral: “Uma forma analógica é uma forma *criada* à imagem de outra”<sup>5</sup>. A ligação da analogia à ideia de criatividade ganha força nos manuscritos do genebrino sobre o tema.

À luz dessa ideia, apoiado em De Mauro (1967), Amacker (1975, p.196) inicialmente atribui essa criatividade à língua (“*créativité de langue*”)<sup>6</sup>; nas palavras do autor: “[...]; criatividade da língua, enfim,

4. “[...] a mudança fonética não afeta as palavras, e sim os sons. O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares” (Saussure 2001[1916]:167).

5. “<Une forme analogique est une forme créée à l’image d’une autre. [...]>”. (Saussure 1996[1907]:56).

6. É importante destacar que, no início de sua argumentação, Amacker (1975) discute a analogia à luz das lições do Curso enquanto uma operação gramatical, a qual envolve a criatividade da língua (sintática) para a reprodução ao infinito dos signos linguísticos. Ao longo de seu texto, o autor problematiza essa questão ao analisar a volição e a iniciativa individual. Voltaremos a trabalhar no texto de Amacker ao longo deste trabalho.

na multiplicação ao infinito dos signos complexos potencialmente realizáveis, no primeiro grau de abstração, a partir dos ‘tipos gerais’ ou dos ‘modelos’ sintáticos”<sup>7</sup>.

Embora consideremos como base para o funcionamento analógico a *criatividade da língua* ancorada na sintaxe, seria possível pensar sobre a interferência ou a participação do(s) sujeito(s) falante(s) quando a analogia está em cena? Para tratar dessa questão, é preciso ir além das considerações do *CLG* e também examinar as lições de Saussure em seus manuscritos<sup>8</sup> a fim de possibilitar uma compreensão mais ampla sobre o tema.

### A atividade do sujeito falante saussuriano e a analogia

No conjunto de manuscritos conhecido como *Da essência dupla*<sup>9</sup>, o qual provavelmente remonta a 1891, ao final de um excerto sobre a *Semiologia*, Saussure (2004[1891]:44, grifo do autor) conclui que “[...] a cada momento de sua existência [da língua] só existe linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que se torna *signo*”.

7. “[...]; créativité de langue, enfin, dans la multiplication à l’infini des signes complexes potentiellement réalisables, au premier degré d’abstraction, à partir des « types généraux » ou « modèles » syntagmatiques”. (Amacker 1975:196).

8. Grande parte da bibliografia utilizada neste trabalho é composta por obras que fazem referência às notas manuscritas do próprio Saussure e às anotações de seus alunos. Para as citações, utilizamos o seguinte critério: todas as referências serão feitas com o nome de Saussure. Quando se tratar de anotação de um dos alunos, será feito um alerta a esse respeito neste texto. A exceção é o trabalho de Saussure e Constantin (2005), para respeitar o critério utilizado pelos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Ademais, há de se acrescentar que essas referências, dizem respeito às edições de Engler, Komatsu, Amacker, e Engler e Bouquet – nas referências deste trabalho é possível recuperar exatamente as fontes. Por fim, quando possível, acrescentamos, entre colchetes, a data do texto original, ou seja, quando foi feita a anotação ou de quando data o manuscrito.

9. Segundo informação da Biblioteca de Genebra – BGE, em folha de rosto que apresenta esse conjunto de manuscritos, arquivados sob a entrada *Archive de Saussure – AS 372*, trata-se de um conjunto de folhas esparsas, contidas em envelopes nos quais Saussure anotou “Da essência dupla”, “Da essência”. Essas folhas foram reunidas por R. Engler sob o título *Escritos de Linguística Geral*, em 2002, publicadas em coautoria de S. Bouquet. Conforme Silveira (2011), a hipótese de datação aceita para esse conjunto de manuscritos remonta ao ano de 1891 – essa hipótese é considerada por diversos especialistas da área. Efetivamente, ao analisarmos essas notas, verificamos que a anotação da página 54 (cf. paginação da BGE) foi feita em um convite de casamento datado de 1891, indício de datação.

Nesse contexto, há de se considerar duas hipóteses de interpretação. De um lado, o funcionamento de uma metonímia, uma vez que o autor tomaria a parte pelo todo: a consciência no lugar do sujeito falante, considerando, portanto, que seria o sujeito que perceberia as relações linguísticas. Por outro lado, poderia se constatar o funcionamento de uma personificação no texto de Saussure, pois, a consciência seria da língua; o próprio sistema linguístico reconheceria as suas unidades, à luz de um funcionamento autônomo. No tocante à *consciência da língua*, expressão que, segundo Arrivé (2012), apareceria cerca de duas vezes nos textos de Saussure, ela diria respeito justamente ao próprio funcionamento do sistema linguístico porquanto a língua conheceria sua própria ordem, ou seja, a sua gramática. Conforme anotação de Riedlinger durante o primeiro Curso de Linguística Geral:

A comparação resulta na análise e isso resulta <<sup>10</sup>nos elementos que são percebidos pela consciência da língua >, às vezes um radical, às vezes um sufixo etc. A língua não conhece os nomes de radical, sufixo etc., mas não se pode recusar a ela a consciência e a utilização dessas diferenças. (Saussure 1996[1907]:70) <sup>11</sup>.

A partir de uma leitura sistemática de outros manuscritos saussurianos, leitura essa ancorada na temática, traz-se à baila uma lição similar de Saussure ministrada durante o segundo Curso de Linguística Geral (1908-1909). Nessa oportunidade, ao tratar das unidades, da existência das palavras e da significação, o genebrino afirma que é preciso insistir a respeito do termo *unidade* e que é a significação a responsável por delimitar as palavras no pensamento. Nesse cenário, a preocupação de Saussure é a de afastar o conceito de unidade – consequentemente, de signo – da ideia de abstração. Para evitar que o recorte das palavras no pensamento, à luz da significação, seja reduzido a um procedimento abstrato, ele afirma que é necessário um critério, o qual está na consciência de cada um; mais precisamente, esse critério é o *sentimento*

10. Os sinais de maior e menor (<>) dizem respeito às interpolações no texto de Saussure, ou seja, às frases inseridas, àquelas escritas acima ou abaixo da linha, ou às inserções anotadas na margem da folha.

11. “La comparaison aboutit à l’analyse et il < en > résulte < des éléments qui sont perçus par la conscience de la langue >, tantôt un radical, tantôt un suffixe etc. La langue ne connaît pas les noms de radical, suffixe etc. mais on ne peut lui refuser la conscience et l’utilisation de ces différences” (Saussure 1996[1907]:70).

de cada um dos sujeitos falantes, conforme anotação de um de seus alunos, Albert Riedlinger:

<[...]. Esse critério é na consciência de cada um.> Isso que é no sentimento dos sujeitos falantes, isso que é sentido em um grau qualquer é a significação e poder-se-á dizer, portanto, que o concreto real, difícil de compreender na língua = isso que é sentido, isso que por sua vez = isso que é significativo em um grau qualquer. Isso que é significativo se traduz por uma delimitação de unidade, é a significação que a cria, ela não existe previamente: <não são as unidades que estão lá para receber uma significação>. (Saussure 1997[1908-1909]:24) <sup>12</sup>.

Ganha relevo, para a determinação das unidades, tanto a existência não prévia delas no sistema linguístico, pois são determinadas a cada momento ao receber a significação, quanto a posição do sujeito falante nesse movimento de delimitação, dado que é o *sentimento* de cada um dos falantes o critério para o recorte efetuado pela significação. Desse modo, as duas interpretações se tornam complementares, ou seja, a metonímia e a personificação: a língua tem a consciência de seu funcionamento e das unidades que a compõem (*consciência da língua*), e o *sentimento* do sujeito falante constitui critério essencial para o recorte das unidades, mesmo que a unidade seja fruto de uma criação analógica. Transparecem, pois, no texto de Saussure, dois funcionamentos importantes para a língua: a *consciência da língua* e o *sentimento dos sujeitos falantes* quanto às unidades.

Em uma nota redigida por Saussure, denominada *Morfologia* <sup>13</sup>, pertencente a um conjunto de manuscritos denominado Notas de Linguística Geral, trazida à cena em razão da temática, esse autor afirma que tais funcionamentos aparecem de forma complementar; Saus-

12. “[...]. Ce critère est dans la conscience de chacun.> Ce qui est dans *le sentiment* des sujets parlants, ce qui est ressenti à un degré quelconque c’est la signification et on pourra dire alors que le concret réel, pas du tout si facile à saisir dans la langue = ce qui est ressenti, ce qui à son tour = ce qui est significatif à un degré quelconque. Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d’unité, c’est la signification qui la crée, elle n’existe pas avant: <ce ne sont pas les unités qui sont là pour recevoir une signification.>” (Saussure 1997[1907-1908]:24, grifo do autor).

13. As Notas de Linguística Geral comportam manuscritos de diferentes épocas e temáticas. Especificamente quanto à nota *Morfologia*, não há indicação de hipótese de datação (18-?, 19-?).



sure refere-se à *consciência da língua* como sentimento. Nesse texto, ao longo de uma extensa argumentação a respeito da alternância e das mudanças fonéticas, novamente Saussure define como critério para a concretude a existência das unidades na consciência, mas dessa vez claramente liga esse critério aos sujeitos falantes.

*Critério:* O que é real é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência em um grau qualquer; tudo aquilo que eles têm consciência e apenas aquilo de que eles podem ter consciência.

[...]

Agora, é verdade que os sujeitos falantes procedem, sempre, partindo da palavra feita: ou seja, ao formar *oseur*, não se diz: eu combinei *os-* e *-eur*. Mas se procede como se segue: *graveur* : *graver*; *je grave* = *x* : *oser*, *j'ose*. – *x* = *oseur*.

[...].

Quem poderia dizer se e de tal ou tal forma, exatamente, que o sentimento da língua procede? *Graveur* : *graver* = *penseur* : *penser*. Portanto, (*oser*) *oseur*. (Saussure, 2004: 158-159, grifo do autor)<sup>14</sup>.

Em um artigo de 2013, Fadda analisa o termo *sentimento* nos manuscritos saussurianos e liga essa ideia ao concreto, à consciência e à realidade<sup>15</sup>. Com efeito, esse é o movimento que procuramos mostrar nos textos saussurianos: o *sentimento* dos sujeitos falantes tem a ver com um funcionamento que permite a esses sujeitos perceber o funcionamento sintático da língua; o sentimento pode ser ligado a um saber que não se sabe a respeito do sistema linguístico. O critério do *sentimento*, muito presente nas discussões saussurianas sobre a Morfologia (cf. Fadda 2013), permite aos falantes ter alguma *consciência*, em maior ou menor grau – mas não plena – de que algo se passa em sua língua, embora não decomponham a palavra, como o faz o gramático, mas eles percebem a existência de uma operação em jogo, operação sintática; como menciona Saussure (*op. cit.*): “ao formar *oseur*, não se diz: eu combinei *os-* e *-eur*. Mas se procede como se segue: *graveur* : *graver*; *je grave* = *x* : *oser*, *j'ose*. – *x* = *oseur*”.

14. Texto original está contido no manuscrito assentado na BGE sob a classificação Ms.Fr. 3951-7, p.7; a transcrição do original pode ser encontrada na edição crítica do CLG feita por R. Engler (Saussure 1989:419).

15. “Le mot ‘sentiment’ est absent du lexique de Godel, mais pas de celui d’Engler, qui se borne pourtant à spécifier qu’il s’agit du sentiment *du sujet parlant*, et à renvoyer à *concret, conscience et réalité*.” (Fadda 2013:53).

Quanto ao que é esse *sentimento* do falante, para Fadda (2013: 56), ele “constitui uma forma de consciência fraca, que se pode assimilar ao instinto”<sup>16</sup>. Complementa o autor, em nota de rodapé, a respeito desse instinto: “o qual, no entanto, na concepção saussuriana, não tem nada a ver com o inatismo que se subentende na acepção cognitiva da palavra” (*op. cit.*)<sup>17</sup>. Evidentemente, a concepção de Saussure não está fundamentada nas modernas teorias cognitivas, embora a posição do genebrino possa propiciar reflexões para essas teorias; não é delas, portanto, que se trata aqui. Mais precisamente, a palavra “instinto”, despida do peso teórico que recebe em alguns ramos das ciências, inclusive de ramos da Linguística e da Filosofia, no contexto em tela, de acordo com Fadda (2013), reporta-se à *consciência fraca*, ou seja, a uma apreensão de uma operação, mas sem a sapiência plena e voluntária do porquê ou do como se deu essa operação.

Ainda quanto ao *sentimento*, de um lado, a *consciência da língua* (ordem própria) ajuda a garantir a estrutura necessária para que a língua se constitua como sistema e que as suas unidades sejam compreensíveis – afinal, ninguém pode acordar no dia seguinte e nomear, à revelia, diferentemente os objetos do mundo concreto. No limite, os sujeitos não estão autorizados pelo funcionamento do sistema a criar livremente novas palavras (ou mesmo alterar livre e indiscriminadamente as existentes), mas eles sempre partem da palavra dada, ou seja, do acervo linguístico que possuem em seu universo mental. Ensina Saussure (2004, p.165), ainda no mesmo manuscrito sobre a morfologia: “[...] não é possível, para a língua, construir uma forma bruscamente e por um ato realmente criador. Os elementos da nova forma são sempre tirados do acervo adquirido”.

Assim, é a partir do acervo de formas já conhecidas e contidas no eixo associativo (*in absentia*), ou seja, na memória dos sujeitos, que a operação analógica pode ocorrer: os termos próximos constituem paradigmas que permitem a criação de “termos novos”, concorrentes com aqueles presentes no sistema (que podem substituir os antigos),

16. “le sentiment constitue une forme de conscience faible, qu’on peut assimiler à l’instinct” (Fadda 2013:56).

17. “Qui, cependant, dans l’acception saussurienne, n’a rien à voir avec l’innéisme qu’on sous-entend dans l’acception cognitiviste du mot” (Fadda 2013:56).

mas termos não tão novos assim, pois eles são gerados a partir de um estofa já conhecido.

Nesse cenário, como reconhecia Bréal (2008[1897]), o caráter imitador da analogia garantiria a continuidade do sistema, pois, pela regularização das criações, os homens poderiam aprender uma língua sem ter que dominá-la passo a passo, ou seja, sem ter que aprender todas as palavras. A existência de paradigmas fomentadores de outras palavras, não exatamente criadas, mas geradas a partir de um acervo já conhecido, permitiria que a própria estrutura da língua fosse mantida, inclusive no decorrer do tempo.

Como já visto, embora o caráter matemático regularizador da operação analógica tenha sido reconhecido pela história da Linguística e também por Saussure, especialmente no *CLG*, não se trata puramente de uma operação, no sentido matemático do termo. O fenômeno analógico não é sempre previsível, diferentemente das operações matemáticas. Como analisou Saussure no fragmento supramencionado, os gramáticos poderiam até tentar executar a operação analógica forçadamente, considerando uma lógica fixa (também razoavelmente hipotética), mas nada garantiria que o paradigma instituído correspondesse à *consciência da língua* e, muito menos, ao *sentimento* dos sujeitos falantes.

O próprio *CLG* reconhece essa dificuldade a respeito da posição do gramático *versus* a posição dos falantes: se de um lado, a análise é lógica e baseada no modelo, de outro, é ancorada no *sentimento*, nem sempre correspondente à lógica: “verificamos a existência de alternâncias em raízes e prefixos [...] e o sentimento de uma alternância pode bem existir ao lado de uma análise positiva” (Saussure 2001[1916]:194). Há, portanto, na analogia, sempre um grau de imprevisibilidade em jogo. Uma vez a analogia em curso na língua, funciona o mecanismo sintagmático-associativo (ordem própria da língua ou, em outras palavras, gramática) que garante a quarta proporcional, mas também está em jogo o *sentimento* do sujeito falante quanto à associação em tela na operação.

Nesse contexto, é importante destacar que o sujeito falante se depara com o resultado da operação analógica que será concretizado na circulação da língua pela fala, mas também é salutar considerar o fato de que a analogia começa na fala, como sinaliza o *CLG* (Saussure

2001[1916]:192): “[...] a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo à fala; ela é obra ocasional de uma pessoa isolada”. A fala é justamente o espaço para a atividade dos sujeitos falantes, e é por meio desses sujeitos e de suas falas que a lógica matemática da operação analógica cede espaço à criatividade.

Postas essas considerações, aperfeiçoa-se a questão lançada ao final da primeira parte deste texto: se nascem na fala dos sujeitos e passam pelo critério do sentimento dos falantes, as criações analógicas poderiam ser afetadas *conscientemente* pela vontade dos sujeitos falantes? Amacker (1975), após analisar longamente o funcionamento da analogia no plano do sistema linguístico, portanto, como um mecanismo gramatical, levanta a hipótese de que ela envolveria não apenas a sintaxe e a semântica, mas uma faceta extralinguística ligada à fala e, portanto, englobaria a volição individual. Dessa forma, pela via da fala, revelar-se-ia a participação do sujeito falante no processo relativo às criações analógicas.

[...] mas o processo em si da criação, o lado volitivo e individual da analogia, bem poderia não pertencer à língua no sentido saussuriano estrito. Com efeito, constata-se que o fato analógico, que resulta da aplicação do mecanismo linguístico, está na interseção de duas dicotomias saussurianas fundamentais: a analogia participa ao mesmo tempo da fala no seu aspecto volitivo, ou seja, sobretudo de uma faculdade individual extralinguística, como da língua; [...] (Amacker 1975:200) <sup>18</sup>.

Há aqui um terreno delicado a percorrer: analisar como se dá a atuação – se há e quando há – desse sujeito falante em uma operação que é ligada ao funcionamento paralelístico da língua por meio da quarta proporcional e, portanto, a princípio, inconsciente ao sujeito.

No *CLG*, como mencionado, a analogia é descrita como um fenômeno que, embora nasça na fala, como “obra de uma pessoa isolada”, se dá no seio psíquico da língua: “[...] tudo é gramatical na analogia”

18. “[...] mais le processus lui-même de la création, le côté volitif et individuel de l’analogie, pourrait bien ne pas appartenir à la langue au sens saussurien strict. En effet, on constate que le fait analogique, qui résulte de l’application du mécanisme linguistique, est au carrefour de deux dichotomies saussuriennes fondamentales : l’analogie participe à la fois de la parole dans son aspect volitif, c’est-à-dire plutôt d’une faculté individuelle extralinguistique, et de la langue ; [...]” (Amacker 1975:200).

(Saussure 2001[1916]:192). As lições do *Curso de linguística Geral* (*op. cit.*, 192, grifo nosso) são enfáticas e delineiam a analogia como um fenômeno operado no seio da língua, inconsciente ao falante, cujo resultado pertencerá à fala: “Toda criação deve ser precedida de uma comparação *inconsciente* dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas”.

Entretanto, se voltarmos uma página do texto do *CLG* (Saussure 2001[1916]:191), surgem os problemas: “A analogia é de ordem psicológica; [...] Cumpre ir mais longe e dizer que a analogia é de ordem gramatical; ela supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si”. Nesse excerto, transparecem os paradoxos deixados pelo texto do *CLG*: como poderia a analogia ser, concomitantemente, operação *consciente* e *inconsciente*? Afinal, ela é um fenômeno de natureza *psíquica* ou *psicológica*? Como resta a figura do sujeito falante nesse contexto? Normand, ao analisar as lições do *Curso*, já apontava para essas questões:

A mudança analógica está, assim, ligada ao que é “psicológico e mental” no ato de fala (por oposição ao fisiológico e físico): a analogia é “obra ocasional de um sujeito isolado. É nessa esfera e à margem da língua que convém surpreender, primeiramente, o fenômeno”. A oscilação inevitável na articulação desses dois fatores aparece na seguinte questão: “Trata-se de um ato consciente?”. (Normand 2010:52).

Nesse contexto, se forem observadas as anotações de Riedlinger, durante o primeiro Curso de Linguística Geral, ministrado por Saussure em 1907, as quais formam a base para o capítulo do *CLG* sobre a analogia, verificamos que Saussure caracteriza a analogia como uma operação *psicológica* feita pelo *espírito* e pela *língua*: “< [...]. É uma criação livremente feita, de início, pelo espírito e, em seguida, pela língua. O princípio fundamental da mudança analógica é psicológico [...]” (Saussure 1996[1907]:56)<sup>19</sup>. À luz dessa afirmação, relacionamos o espírito metonimicamente ao falante; haveria, portanto, um sujeito aparentemente participativo quanto à criação linguística.

19. “< [...]. C’est une création librement fait par l’esprit d’abord et par la langue ensuite.> Le principe fondamental du changement analogique est psychologique, [...]” (Saussure 1996[1907]:56).

Contudo, para analisar plenamente a atuação e o papel do sujeito falante, precisamos da orientação dada por uma afirmação de Saussure feita também em 1907, anotada por Riedlinger, na qual ele discute claramente o problema da participação do falante e, conseqüentemente, de sua vontade, a saber: “Com efeito, falsear-se-ia toda a psicologia ao apresentar <a analogia como uma> intenção <dos sujeitos falantes>. <A analogia supõe um esquecimento momentâneo da forma antiga para que a nova surja, <não há, portanto,> oposição, modificação” (Saussure 1996[1907]:63)<sup>20</sup>.

À luz desse manuscrito, o sujeito falante, portanto, não teria a intenção de produzir a analogia como uma ação planejada – há de se considerar que, ao longo do funcionamento da operação analógica, opera o esquecimento ou, para retomar a lição na Universidade de Genebra (1891), o rebaixamento do grau de consciência. Pelo esquecimento, o caráter volitivo seria obliterado e entraria em cena outra posição do sujeito, enquanto aquele que se submete à ordem própria da língua, portanto, à própria criatividade sintática do sistema.

Conforme Pereira de Castro (neste volume), mesmo que a analogia seja um fenômeno de língua, nesse cenário, a posição do sujeito falante é problematizada pelo apelo à memória, “esta última sustenta o processo analógico como um movimento no eixo associativo, no tesouro da língua, e é também a causa do seu desencadear, pelo instante do esquecimento”. Embora, no processo analógico, o falante esqueça a forma antiga, esse fenômeno requer o tesouro da língua presente no espírito do falante e o sentimento a respeito das formas linguísticas: o falante percebe, por meio de seu *sentimento*, que há um funcionamento em operação, mesmo a forma antiga seja esquecida e/ou o próprio processo seja ensejado pelo esquecimento.

Ao lado da questão da consciência, comparece a problemática relativa à divisão entre os campos *psíquico* e *psicológico*. Nas anotações de Saussure, nos parece que podemos, comumente, ler esses termos como, de um lado, *psíquico*, representativo do universo mental, e, de

---

20. “En effet, on fausserait toute la psychologie en présentant <l’analogie comme une> intention <des sujets parlants>. <L’analogie> suppose un oubli momentané de l’ancienne forme pour que la nouvelle surgisse, <il n’y a donc pas> opposition, modification” (Saussure 1996[1907]:63).

outro, *psicológico*, referente à volição ou a certo comportamento. Assim, *psíquico* reporta-se às operações mentais concernentes à língua e à faculdade da linguagem. Já *psicológico* diz respeito a certo comportamento do *sujeito falante* e às suas escolhas, as quais são mais ou menos intencionais; é um comportamento transpassado, em alguma medida, pela vontade, mas contido pela *ordem própria* da língua. O termo *psicológico*, nesse sentido, engloba o *sentimento* da língua. Essa diferenciação pode ser detectada em uma anotação de A. Riedlinger:

[...] – quando se reconhece que é preciso considerar o signo socialmente – se é tentado a não tomar inicialmente apenas o que parece depender mais de nossas vontades; e acaba-se para esse aspecto em acreditar ter apreendido o essencial: é isso que faz que se fale da língua como um contrato, um acordo. Isso que é o mais interessante a estudar no signo são os seus lados, pelos quais ele escapa à nossa vontade ; [...] (Saussure 1997[1908-1909]:11)<sup>21</sup>.

Ao longo do texto de que foi extraída essa nota, Saussure diferencia as operações mentais da língua, no universo em que o signo escapa à *vontade* do *sujeito falante*, e a execução da língua pela fala, campo em que o indivíduo pode atuar com certa liberdade volitiva. A analogia, nesse cenário, como operação, escapa à nossa vontade, num jogo sintático-semântico da língua, mas cujas causas, embora possam estar ligadas ao próprio funcionamento da língua, tocam a nossa vontade na medida em que estão também relacionadas às nossas necessidades comunicativas extralinguísticas. A esse respeito, Amacker (1975) afirma:

[...]; a *criação* (também chamada por Saussure de « combinação ») propriamente dita, mesmo no primeiro nível de abstração (portanto, na *língua*), depende da vontade individual, das necessidades externas da comunicação e da aderência buscada ou não a respeito do real extralinguístico, etc. (Amacker 1975:203, grifos do autor)<sup>22</sup>.

21. “[...] – quand on reconnaît qu’il faut considérer le signe socialement – on est tenté de ne prendre d’abord que ce qui semble dépendre le plus de nos volontés ; et on se borne à cet aspect en croyant avoir pris l’essentiel : c’est ce qui fait qu’on parlera de la langue comme <d>un contrat, <d>un accord. Ce qui est le plus intéressant dans le signe à étudier ce sont les côtés par lesquels il échappe à notre volonté ; [...]” (Saussure 1997[1908-1909]:11).

22. “[...]; la *création* (que Saussure dit aussi « combinaison ») à proprement parler, même au premier niveau d’abstraction (donc dans la *langue*), dépend de la volonté individuelle,

Para melhor compreender essa análise de Amacker, impõe-se outra diferenciação que podemos traçar nos textos saussurianos: entre o *fato linguístico*, enquanto encontro entre significado e significante, o *ato linguístico*, como ato de sintaxe que organiza as unidades na cadeia, e o *ato fonatório*, representativo do jogo dos órgãos destinados à produção da fala.

Enquanto no campo do fato linguístico, o sujeito falante sofre os efeitos da força social e psíquica da língua, e assume uma posição essencialmente passiva, no campo da execução, segundo Saussure, opera a vontade desse sujeito. Essa divisão, todavia, começa a ficar turva se considerado o ato linguístico. Segundo Normand (2009:47), esse é “ato de ‘construção’ sempre ligado a uma ‘comparação’ implícita, ato de síntese (‘sintaxe’) que implica uma ‘análise’, produção de ‘discurso’, referindo-se sempre a uma ‘intuição’”. Por essa definição, podemos ligar o ato linguístico à combinação sintagmática, cuja responsabilidade é atribuída por Saussure ao *sujeito falante*:

É do Indivíduo, ou da **Fala**: a) tudo o que é Fonação, b) tudo o que é combinação – tudo o que é **Vontade**.

Dualidade

Fala / Língua  
vontade individual / passividade social

Aqui, pela primeira vez, questão de duas Linguísticas. (Saussure 1989:42, grifos do autor) <sup>23</sup>.

Entretanto, a *combinação sintagmática* não diria respeito ao funcionamento concomitante dos eixos associativo e sintagmático e, portanto, seria uma operação nascida no campo *psíquico* da língua? O sintagma, portanto, estaria submetido à ordem própria da língua ou

---

des nécessités externes de la communication et de l’adhérence recherchée ou non à l’égard du réel extralinguistique, etc.” (Amacker 1975:203, grifos do autor).

23. Trecho do manuscrito assentado na BGE sob a classificação Ms.Fr. 3951-22, p. 02. “Est de l’Individu, ou de la **Parole** : a) Tout ce qui est Phonation, b) tout ce qui est combinaison – Tout ce qui est **Volonté**.

Dualité :

Parole / Langue  
volonté individuelle / passivité sociale

Ici pour la première fois question de deux Linguistiques” (Saussure 1989:42, grifos do autor).



às escolhas do falante? Nesse contexto, resta também questionado o corte entre *língua e fala*: qual o limite entre *língua* e *fala* se o sintagma circula nestes dois campos? Como coadunar o fato de o sintagma ter sua origem no bojo psíquico da língua, não suscetível à vontade, e, concomitantemente, sofrer as interferências volitivas do sujeito falante, quando é veiculado na fala? Saussure reconhece essas dificuldades, como anota É. Constantin durante o terceiro Curso de Linguística Geral (1910-1911):

[...]. Toda frase será um sintagma. Ou toda frase pertence à fala e não à língua. Ou objeção: o sintagma não pertence à fala e não misturamos as duas esferas *língua-fala* para distinguir as duas esferas *sintagma-associação*? <Há com efeito aqui alguma coisa de delicada na fronteira dos domínios>. Questão difícil de resolver. (Saussure 1989:283-284) <sup>24</sup>.

Saussure, nesse excerto, revela a dificuldade teórica de efetuar a cisão entre língua e fala. Tanto o sintagma quanto a associação compõem na teoria saussuriana ligados à esfera da língua: o sintagma enquanto representativo do eixo sintagmático (combinações em cadeia linear), e a associação relacionada aos grupos associativos presentes na memória dos sujeitos falantes. Contudo, se o sintagma é gerado na língua, sua circulação e seu uso são consubstanciados na fala. Em última análise, o próprio fato de o sintagma ser originado no campo da língua pode ser questionado, como o faz Saussure. Parece-nos mais razoável pensar em um funcionamento conjunto *língua-fala*, o qual envolve as possibilidades associativas ensejadas pela língua na memória do falante e as combinações necessárias para constituir as cadeias sintagmáticas efetivadas na fala. Como reconheceu Saussure, trata-se de uma tarefa difícil delimitar fronteiras para um funcionamento que, aparentemente, é concomitante e interdependente, afinal, o sintagma necessita tanto da fala quanto da língua para se constituir.

Aqui, o falante participa como aquele que coloca o mecanismo da língua em movimento: faz-se necessário que o sistema linguístico fun-

24. “[...]. Toute phrase sera un syntagme. Or la phrase appartient à la parole et non à la langue. Or objection : est-ce que le syntagme n’appartient pas à la parole et ne mélangons-nous pas les deux sphères langue-parole pour distinguer les deux sphères syntagme-association ? <C’est en effet ici qu’il y a quelque chose de délicat dans la frontière des domaines.> Question difficile à trancher.” (Saussure 1989:284, grifos do autor).

cione à luz do entrelaçamento harmônico entre associação-combinação para que, dentre as possibilidades associativas presentes no sistema linguístico, uma delas se consubstancie na cadeia sintagmática. Mas as escolhas para a combinação não são aleatórias, elas estão ligadas, como destaca Saussure, às necessidades comunicativas dos sujeitos falantes: “[...]. Mas há sempre esse elemento individual que é a combinação deixada à escolha de cada um para exprimir seu pensamento em uma frase. Essa combinação pertence à fala, pois é uma execução” (Saussure 1989:284) <sup>25</sup>.

O sujeito falante, portanto, atua no campo da fala, como veementemente destacou Saussure, mas também verificamos as suas atividades atingirem, de alguma forma, o âmbito da língua por meio da *combinação* – como alertou Amacker (1975, *supra*), da *criação* – à medida que a composição de frases está relacionada à gramática e limitada por ela, mas também atende à liberdade dos sujeitos. Assim, Saussure atribuiu ao falante as atividades próprias da fala, como a *execução* e a *combinação*, mas essas atividades estão intimamente dependentes do funcionamento psíquico da língua.

Essa atribuição de atividades ao falante também atinge o fenômeno analógico, dado que ele nasce no campo da fala, mas se consolida como uma operação de língua. Vemos, todavia, essa divisão entre língua e fala permanecer turva ao considerarmos que, além da existência das necessidades comunicativas do sujeito falante, ele tem alguma consciência (fraca) a respeito da operação analógica consolidada pela língua. Se há consciência, logo, poder-se-ia pensar em um fenômeno afetado, mesmo que em sua origem, pela vontade psicológica oriunda das necessidades comunicativas do falante. A analogia, nesse contexto, caracterizar-se-ia como um fenômeno linguístico tanto de ordem gramatical (*criatividade da língua*) quanto transpassado pela vontade individual (criatividade ligada à combinação), e seria afetado pela faculdade de coordenação das unidades, *in absentia* e *in praesentia*. Na interseção entre os eixos associativo e sintagmático, a combinação das unidades e as possibilidades associativas mnemônicas – a que Saussure também se refere como “*classement*” – movimentam a analogia.

25. “[...]. Mais il y a toujours cet élément individuel qu’est la combinaison laissée au choix de chacun pour exprimer sa pensée dans une phrase. Cette combinaison appartient à la parole, car c’est une exécution” (Saussure 1989:284).

Nesse sentido, há de se considerar a existência de um jogo entre o esquecimento (graus de consciência), o sentimento do sujeito falante e a execução da operação analógica à luz do funcionamento das estruturas da língua. Tanto as ocorrências regulares quanto as irregulares (querela entre analistas e analogistas) são percebidas por esse *sentimento* como resultado de um processo gramatical, mas esse processo tem início na fala dos sujeitos, âmbito em que há espaço para a liberdade e para as criações da massa de falantes.

Podemos verificar, portanto, ao expandir as considerações de Saussure, que existiria, nascido na fala, um movimento – segundo Bréal, gerado por diversas causas – entre as *necessidades comunicativas* do sujeito falante, o *esquecimento*, para permitir o funcionamento gramatical do sistema e a sua renovação, e *sentimento* dos falantes quanto à existência da nova forma, concorrente ou não da antiga. É um jogo entre lembrar e esquecer que constitui um frutífero mecanismo de renovação linguística.

No limite, entre esquecer e sentir, há um funcionamento da língua e de uma percepção da massa falante que garante a continuidade das estruturas linguísticas e a constante introdução de inovações – lembramos aqui da mutabilidade e da imutabilidade do signo<sup>26</sup>. Nesse cenário, a continuidade da língua não está apenas ligada ao seu funcionamento sintático, mas à existência dos sujeitos falantes e o seu uso por eles. Aqui é preciso rememorar a lição de Saussure (2004:258), em uma nota datada de 1908-1909: “a *língua*, coisa em si sem relação com a massa humana existente, é indissolavelmente ligada à massa humana”. É a massa de sujeitos falantes que insufla vida à língua, e a analogia, enquanto um funcionamento do sistema, não está desvinculada do uso que os falantes fazem da língua. Ao ser um fenômeno que nasce na fala, a analogia se liga, embora movimentada pela operação sintática, à massa falante.

Nesse funcionamento, o sujeito falante, em sua relação com a língua, não se reduz a um sujeito plenamente consciente das operações linguísticas. Mesmo na sincronia, momento em que o sujeito vive sua relação com a língua, há uma variação dos graus de consciência do falante quanto aos fatos linguísticos – lição de Saussure durante a Primeira

26. Para detalhes, consultar o *CLG*.

Conferência na Universidade de Genebra em 1891. Especificamente quanto à analogia, em última análise, apoiados em Fadda (2013), nesse jogo entre falante e língua, está em questão “uma consciência fraca” das operações da língua. Justamente em razão do falante (ou da massa) estar indissolúvelmente ligado à língua, numa via de mão dupla, via essa caracterizada pela gramática, podem atuar o *esquecimento* e o *sentimento*.

### Considerações finais

A nosso ver, a analogia é um fenômeno linguístico que aparenta ter natureza *psíquico-psicológica*: ao mesmo tempo em que é operada pela língua à luz de sua ordem própria – como requer Saussure, de sua *gramática* – e é insuscetível, em alguma medida, à ação do sujeito falante, a analogia está atravessada pelo *sentimento* do falante e pelos graus de consciência.

Ao lermos as notas de Saussure sobre a analogia, parece-nos que se efetiva a observação de Fadda (2013): a terminologia oscila e há a ausência de uma definição dos termos *psíquico* e *psicológico*. Assim, quando Saussure leciona que a analogia é “fenômeno psicológico” (Saussure 1989[1907]:374), somos tentados a corrigir o mestre ao dizer que a analogia é um fenômeno psíquico. Todavia, se considerarmos a presença do *sujeito falante*, o seu *sentimento* e as suas *necessidades comunicativas*, a analogia se configura enquanto fenômeno psíquico-psicológico, sentido pela massa falante, mas cujo funcionamento ocorre no âmbito psíquico da língua (fenômeno gramatical).

Provavelmente, na obra saussuriana, a falta de definições mais precisas quanto aos termos relativos à mente – *psíquico*, *psicológico*, *mente*, *espírito* – revele uma dificuldade apontada por Normand (2010:52): “(...) Saussure, confrontado com os problemas que ele permitiu, juntamente com os outros, formular e que não podia resolver, das relações da linguagem com o inconsciente”. Se efetivamente o genebrino não podia resolver esses problemas, as formulações de Saussure, além de inquietudes teóricas, trazem à tona a atividade do *sujeito falante*, figura que a *doxa* saussuriana procurou apagar, mas

que se revela como central na teorização de Ferdinand de Saussure, inclusive para as criações da língua <sup>27</sup>.

Recebido em: 27/12/2016

Aprovado em: 17/05/2017

E-mail: karenals@yahoo.com.br

## Referências

- AMACKER, René. 1975. *Linguistique saussurienne*. Genève: Droz.
- ARRIVÉ, Michel. 2012. « Conscience de la langue » et inconscient chez Ferdinand de Saussure. *La Célibataire*, v.24:107-124.
- BRÉAL, Michel. 2008[1897]. *Ensaio de Semântica*. Coordenação e revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. 2 ed. Campinas: Editora RG.
- CORADINI, Heitor. 1999. *Metalinguagem na obra De Língua Latina de Marcos Terêncio Varrão*. 554 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.
- D’OTTAVI, Giuseppe. 2010. Ferdinand de Saussure et Monsieur B. *Bollettino di Italianistica*, v.VII, n.1:71-91.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. 2001. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Tradução de Alice Kyoko Miyashiro, J. Guinsburg, Mary A. L. de Barros e Geraldo de Souza. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- FADDA, Emanuelle. 2013. ‘Sentiment’: entre mot et terme – quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v.66:49-65.
- HENRIQUES, Stefania Montes. 2013. O nome próprio e o CLG: uma exceção à analogia. *Anais do SILEL*, v.3, n.1:1-7.
- LYONS, John. 1979. *Introdução à Linguística*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, revisão e supervisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional / E. da Universidade de São Paulo.
- NORMAND, Claudine. 2009. *Convite à Linguística*. Tradução de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto.

27. “La letteratura critica ha acquisito ormai da tempo il ruolo del soggetto parlante come componente inalienabile dalla visione linguistica saussuriana nel suo complesso” (D’Ottavi 2010:71).

- PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. 2006. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. Neste volume.
- SAUSSURE, Ferdinand de; CONSTANTIN, Émile. 2005. *Linguistique générale (Cours de M<sup>l</sup> le professeur de Saussure) – semestre d’hiver 1910-1911. Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, v.58: 82-290.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2011. *Science du langage: de la double essence du langage*. Edição de René Amacker. Genève: Droz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2001[1916]. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2004. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1997[1908-1909]. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) – d’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1908-1909) – from the notebook of Albert Riedlinger et Charles Patois*. Texto francês editado por Eisuke Komatsu, tradução para o inglês de George Wolf. Oxford: Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1996[1907]. *Premier cours de linguistique générale (1907) – d’après les cahiers d’Albert Riedlinger / Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1907) – from the notebook of Albert Riedlinger*. Texto francês editado por Eisuke Komatsu, tradução para o inglês de George Wolf. Oxford: Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand. 1990[1974] *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf. Engler, v.2. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1989[1968]. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf Engler, v.1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SILVEIRA, Eliane. 2011. Uma leitura preliminar de dois manuscritos de Ferdinand de Saussure: ‘Conférences à l’Université’ e ‘L’essence double du langage’. *Anais do SILEL*, v.2 n.2: 1-16.